

Trabalho:

**AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO EDUCACIONAL E A FORMAÇÃO DE
PROFESSORES**

Autora:

Marta Luz Sisson de Castro

Pós-graduação em Educação, PUCRS

Professor Titular

Endereço Profissional:

Pós-Graduação em Educação

Av, Ipiranga 6681, Porto Alegre, RS

90619-900

Fax: 33203635

Telefone 33203620 # 8247

Email: msisson@pucrs.br

Endereço residencial:

Rua Felicissimo de Azevedo 1269 apto 302

Porto Alegre, RS 90540-110

Telefone- 33420442

AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO EDUCACIONAL E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Marta Luz Sisson de Castro-PUCRS

Palavras-Chave- rendimento escolar, formação de professores, avaliação

A avaliação do rendimento educacional através de testes estandardizados tornou-se um padrão na realidade educacional internacional e o alcance destes resultados se tornou o objetivo maior dos sistemas educacionais . Estes fatos, porém mascaram os possíveis efeitos de um processo educacional de sucesso. Na literatura e mídia brasileira, as opiniões de Ioschpe e Moura Castro respondem a esta percepção deformada de que uma educação de qualidade deveria representar mudanças significativas nos resultados escolares em termos de rendimento. Ioschpe, em texto recente publicado na Revista Veja enfatiza que melhores salários e condições de trabalho para os professores não afetam a aprendizagem dos alunos.

No campo educacional , essa medição vem sendo feita de forma sistemática e metódica há mais de dez anos, e revela alguns achados talvez surpreendentes. Quando se analisa o desempenho de alunos em testes e se cotejam com as características de duas escolas e professores, descobre-se que o número de alunos em sala de aula não tem impacto significativo sobre o aprendizado, nem o salário dos professores, nem a presença de infra-estrutura rebuscada nas escolas. (Ioschpe, 2008.p.33)

E que investimentos em salários e condições de trabalho dos professores não afetam estes resultados e por isso deveriam ser considerados desnecessários. Em seguida, Ioschpe comenta que professores bem preparados e com domínio de sua área de conhecimento afetam positivamente o resultado acadêmico de seus alunos, o que não deixa se ser contraditório. Estes autores olham a educação como um processo econômico no qual investimentos geram resultados e lucros, e no caso, melhor rendimento acadêmico. O processo educacional é bem mais complexo e rico do que a ótica econômica permite vislumbrar, e apesar de possíveis boas intenções as críticas destes dois autores tem sido mais um desserviço ao progresso da educação do que se poderia imaginar. Nossa compreensão é de que a educação é um processo de humanização que vai além do mero

rendimento acadêmico. Os dados de pesquisa educacional indicam que fatores escolares e características dos professores explicam em torno de 30% da variância no rendimento acadêmico, estes dados são conhecidos desde o estudo de Coleman de 1966, e minha própria tese de Doutorado confirmou este resultado no contexto brasileiro. (Castro, 1987). Os resultados do PISA, também constataram “o conjunto de fatores escolares explica 31% da variância na leitura” (PISA, 2002). Ao identificar os fatores escolares que influenciam positivamente o rendimento acadêmico dos alunos, enfatizam que professores qualificados são os recursos escolares mais valiosos. Foi constatada uma associação entre a percentagem de professores que possuía curso superior em sua área de atuação e resultado acadêmico dos alunos., por exemplo uma elevação de 25% no percentual de professores com curso superior em sua área de atuação está associado com um aumento de nove pontos no teste de leitura em média nos países da OECD (Organization for Economic Cooperation and Development). Indicando que a preparação dos professores afeta diretamente o rendimento dos alunos. Entre os outros fatores identificados está a relação professor-aluno, quando o número de alunos passa de 25, a performance média dos alunos é mais baixa. O uso dos recursos escolares pelos estudantes está também associado a melhor performance, assim a escola não só precisa possuir os recursos mas enfatizar e exigir seu uso pelos alunos. Outros fatores identificados com o ambiente escolar no estudo PISA que influenciam os resultados acadêmicos são:

- Fatores relacionados aos professores, especialmente os que afetam o clima organizacional da escola tais como a expectativa dos professores em relação aos seus alunos

- A moral e o compromisso dos professores.

- A autonomia da escola

Algumas práticas na sala de aula estão associadas com melhores resultados nos testes:

- As relações entre professores e alunos.

- O clima disciplinar na sala de aula e,

- A ênfase dada por professores na performance acadêmica e o nível de exigência dos professores.

Assim os resultados do PISA, mostram que os professores, sua formação e condições de trabalho são essenciais para o rendimento acadêmico de seus alunos.

A situação dos professores brasileiros tem piorado nas últimas décadas, os salários se tornaram mais baixos, e não existe perspectiva de melhoria das condições de trabalho, assim a procura por formação em cursos de pedagogia está se tornando cada vez menos atrativa para jovens talentosos. Os alunos de Pedagogia estão apresentando uma origem social mais baixa, e são em geral os primeiros de suas famílias a cursar o Ensino Superior. Dados publicados na Folha de São Paulo (2008), mostram que o salários dos professores da educação básica são inferiores ao salário médio dos brasileiros com diploma de curso superior. Segundo o IBGE, o rendimento médio dos brasileiros com curso superior é de R\$ 2693,00, o rendimento médio dos professores com curso superior vai de R\$ 1152,00 (1ª a 4ª série) a R\$ 1660,00 (ensino médio). O professor que atua de 5ª a 8ª série recebe em média R\$ 1264,00, ou seja os salários dos professores são baixos o que faz com que tenham mais de um emprego para conseguir sustentar a si próprio e sua família, Estes fatores impedem que o professor invista de forma regular em seu desenvolvimento profissional e que participe de uma forma regular as atividades culturais, com um salário limitado. O baixo salário obriga ao professor a ter vários empregos para garantir um nível mínimo de sobrevivência, o que torna sua moral e compromisso com os alunos muito mais difícil de manter. Em estudo anterior realizado pela autora (CASTRO, 2003) argumentamos que o professor de educação básica era um excluído social. A questão do “burnout”, o mal estar docente, a origem social mais baixa, e falta de capital cultural dos professores de escola básica, levam a um quadro extremamente sério no qual os maus resultados nos testes como o PISA e SAEB são as conseqüências esperadas. Acrescentamos dados sobre as mudanças relevantes que ocorreram no nível salarial das professoras estaduais “mostrando (p.23) que o vencimento básico médio real do magistério do Rio Grande do Sul representava em Dezembro de 1991 12.61% do vencimento que os professores recebiam em 197” (CASTRO, 2003, p. 3). Concluimos nossa argumentação sobre a professora de escola básica como uma excluída social reiterando que

A professora de escola fundamental é uma excluída social, na medida em que seu salário é baixo e sua condição de trabalho estressante e seu prestígio social inexistente. Dados internacionais e nacionais mostram que um professor qualificado e valorizado é a chave para o sucesso do aluno. Que formação pode oferecer uma professora que mal ganha para seu sustento, que não pode comprar livros, ou ter acesso à alta tecnologia? A valorização e qualificação do profissional da educação é a solução para o problema da qualidade do ensino e de resultados melhores com os alunos. Esta valorização deverá estar associada com melhores salários, um plano de carreira que impulse o desenvolvimento profissional e pessoal. As mãos da professora devem ser mãos delicadas que realizam trabalho intelectual, que trabalham com idéias e mentes e constroem um mundo melhor para todos. (CASTRO, 2003, p.17)

Um outro ponto importante para trazeremos para esta discussão é que uma melhoria significativa nos resultados de testes de rendimento, não é facilmente alcançada pois fatores sócio-econômicos são mais fortes do que os escolares e neste sentido não podem ser facilmente manipuláveis e geralmente levam tempo para se concretizarem.. Fullan (2004) apresenta o exemplo de um distrito escolar que conseguiu melhorar os seus índices de rendimento passando do décimo lugar em leitura e quarto em Matemática entre um total de 32 distritos escolares tornando o caso exemplar. Hargreaves (2005) em seu estudo de liderança educacional fala em melhorias pequenas na performance das escolas estudadas.

Estudo realizado por Carnoy (2003) comparando o rendimento acadêmico em matemática e língua de alunos brasileiros, cubanos e chilenos chama a atenção para aspectos culturais e políticos influenciando o resultado acadêmico. Constatou que os alunos brasileiros apresentaram a pior performance pois demoravam mais tempo para se concentrar nas tarefas, havia mais barulho e brigas entre os alunos. Os cubanos foram os que obtiveram melhor rendimento acadêmico, mas também apresentaram um modelo mais tradicional de escola, em que os professores mandavam e os alunos obedeciam e realizavam as tarefas.

Em estudo realizado sobre as escolas efetivas de 2º grau, constatamos que entre as escolas com melhor performance no exame vestibular estavam aquelas que tinham uma congruência de valores culturais, étnicos e religiosos. Quando os três valores vinham

associados, a mensagem parecia ficar mais clara para os alunos em termos de expectativas. (CASTRO et. al, 1990).

Estudo realizado pela autora sobre a educação municipal na Região Sul, mostrou que a formação dos professores da escola básica apesar de aparentemente ter sido superado pois a totalidade dos professores parece ter alcançado nível superior, e mesmo pós-graduação, ainda continua sendo uma área problemática. O fato de a maioria ter um diploma do ensino superior não significa que eles estejam preparados para serem professores.

REFERÊNCIAS

CARNOY, Martin, GOVE, Amber; MARSHALL, Jeffrey H. As razões das diferenças de desempenho acadêmico na América Latina: Dados qualitativos do Brasil, Chile e Cuba. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos: Brasília, v. 84, n.206/207/208, p. 7-33, 2003.

CASTRO, Marta Luz Sisson de Castro. Secondary School Achievement in Brazil: characteristics of students, teachers and schools. Tese de doutorado, Boston University, School of Education, 1987, p. 184

CASTRO, Marta Luz Sisson de Castro. Professora de Escola Básica e Exclusão Social. Texto disponível no CDROM III Congresso Internacional de Educação, Educação na América Latina, nestes tempos de império. Unisinos, 3, 4 e 5 de Setembro de 2003.

CASTRO, M.L.S.; HOLMESLAND, I.S. ; WERLE, F.O.C., CORAZZA, S.M. Escolas Efetivas de 2º Grau: Aspectos qualitativos da vida escolar. Estudos Leopoldenses: São Leopoldo, v.26.p.9-20, 1990.

COLEMAN, James et al. Equality of Educational Opportunity, Washington, D.C.: U.S. Department of Health, Education and Welfare, Office of Education, U.S. Government Printing Office, 1966.

FOLHA DE SÃO PAULO, Salário no ensino básico é menor do que média do brasileiro. Cotidiano, p.4., 19 de Janeiro de 2008.

FULLAN, Michael. Leading in a culture of Change. Personal action guide and workbook, San Francisco.: Jossey-Bass, 2004, p.244.

IOSCHPE, Gustavo. Educação de quem: Para Quem: Revista Veja, 16 de Janeiro de 2008, p.32-33.

HARGREAVES, Andy. Sustainable Leadership. San Francisco, Jossey-Bass, 2005

ORGANIZATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT.
(OECD) *Knowledge and skills for life*. First Results from PISA(Programme for International Students Assessment) www.pisa.oecd.org consulta na internet dia 8 de Fevereiro de 2002

,